

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM TÚMULO DE "TIPO ALCALARENSE" NOS ARREDORES DE ALJUSTREL.

VIANA, Abel, et al.

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

VIANA, Abel, et al., Um Túmulo de "tipo alcalarense" nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*, 71 (3-4) Jul.-Dez. 1961, p. 247-254.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um túmulo de “tipo alcalarense,, nos arredores de Aljustrel

Por ABEL VIANA
O. DA VEIGA FERREIRA e
R. FREIRE DE ANDRADE

Em fins de Março de 1961 foi comunicado, por um dos signatários (R. F. A.), ao Ex.^{mo} Senhor Director dos Serviços Geológicos de Portugal, D. António de Castello Branco, a descoberta de um túmulo de falsa cúpula na propriedade do Sr. Manuel Francisco Rodrigues Costa Correia, onde este senhor já tinha começado a fazer escavações por conta própria. Dado o interesse científico de tal descoberta foi organizada uma missão constituída pelos presentes signatários, que em 13 de Abril, com o consentimento do respectivo dono da propriedade, começou os trabalhos. A escavação terminou a 17 de Abril e revelou um belo exemplar de monumento de falsa cúpula, revestido de mamoa, que passamos a descrever (Vide Planta e cortes, e Est. I):

O monumento fica situado na herdade do Monte do Outeiro — Corte de Vicente Anes, a quatro quilómetros de Aljustrel, vindo de Beja.

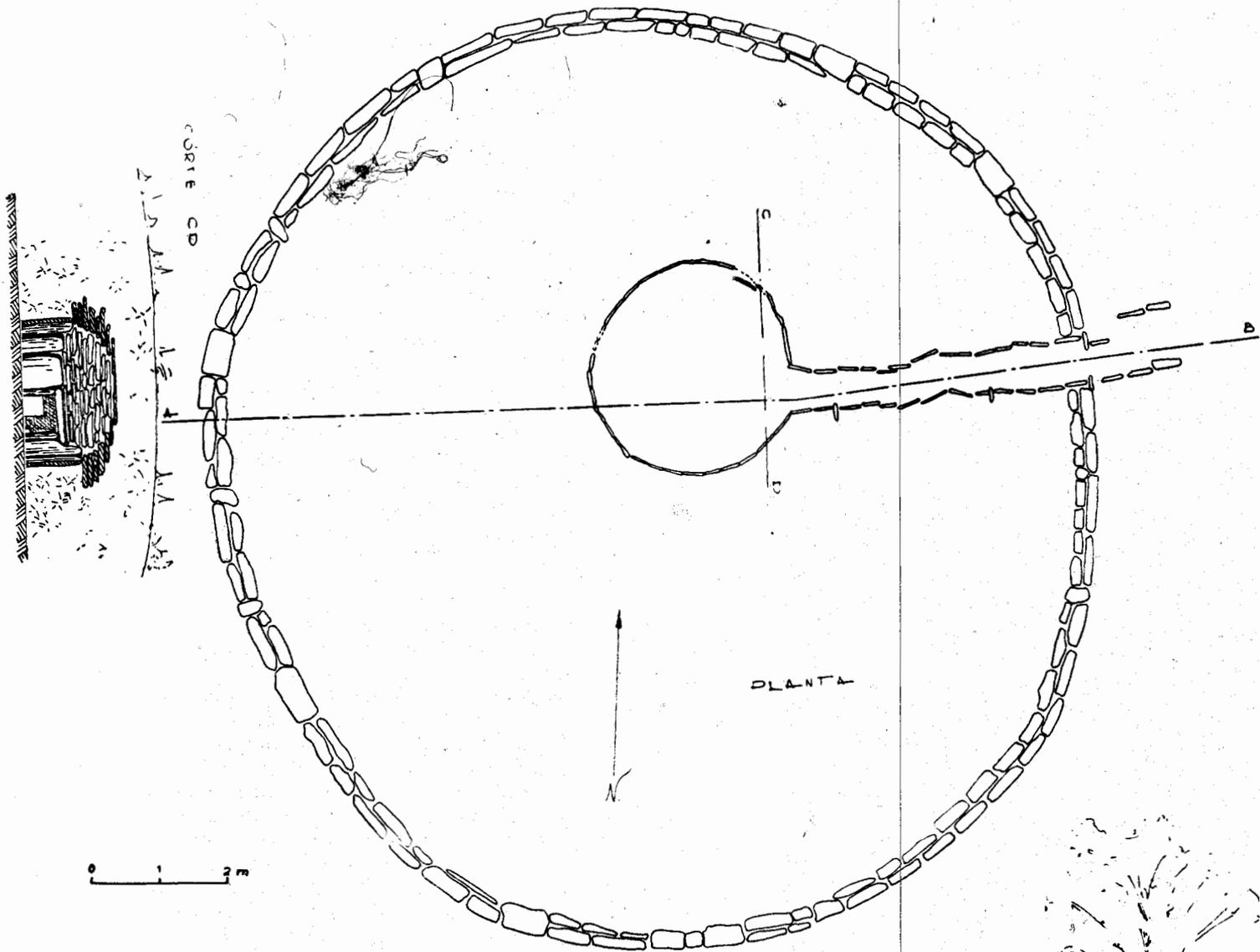
A descoberta pertence ao Sr. Manuel Francisco Rodrigues Costa Correia, dono da referida herdade, quando, durante uma arrotêa com tractor, encontrou as pedras que constituíam a parte superior da falsa cúpula da cripta mortuária do grande monumento.

Quando chegámos ao local, vimos que tinham sido executados alguns trabalhos de pesquisa e encontrámos o começo da galeria já destruído, bem como o topo da falsa cúpula, de onde haviam sido retiradas muitas

lajes; também a parede circular que limitava a mamoa estava nalguns pontos a descoberto, mas isso já havia sido feito com método, pois fôra trabalho dirigido por F. A.

O primeiro cuidado era dispor as coisas de modo a poder-se trabalhar, isto é, tapar os buracos desnecessários e a parede, depois de se ter tomado nota de tudo numa planta e num primeiro corte, que mais tarde seria completado. A seguir começamos a desobstruir e a consolidar a entrada da galeria com um grupo de homens, e, ao mesmo tempo, com outro grupo, a procurar situar rigorosamente a parte superior da cúpula. No fim do primeiro dia de trabalho começamos a desterrar a parte superior da galeria até se chegar às tampas. Pela primeira vez encontrámos uma galeria tapada, com todos os elementos «in situ», e verificámos certos pormenores de construção dignos de registo e absolutamente inéditos. Assim, quando noutros túmulos que apresentavam sòmente os esteios tínhamos notado que eles não eram horizontais no topo, mas sim de forma angular e desenhados, pensáramos sempre que a regularização seria feita com pequenas pedras a fim de se assentar depois a cobertura. Agora, porém, sabemos que as lajes de cobertura eram colocadas de forma a que os bicos dos esteios ficassem a funcionar como dentes de travamento. Numa das lajes de cobertura foi mesmo talhado um chanfro em ângulo recto de forma a engatar no bico do esteio. Existe outro pormenor de construção, na galeria, muito curioso: esta foi traçada em linha sinuosa e não direita, e ao mesmo tempo muito baixa e estreita. Nunca poderia conter qualquer sepultura, e ninguém poderia transportar através dela um cadáver. Esta observação vem reforçar uma nossa teoria que adiante exporemos.

Na cripta observámos outra coisa interessante: as lajes laterais não funcionam como esteios mas sim como revestimento parietal. Toda a superfície ocupada por esta foi escavada no terreno e aí assentaram a base da falsa cúpula, tendo depois, desde a fiada superior até ao fundo, sido tudo revestido com delgadas e estreitas lajes de xisto azulado. Este pormenor é muito interessante e veio resolver o problema da construção da falsa cúpula e dos falsos esteios noutros monumentos.



0 1 2 m



Até aqui, como encontrávamos sempre os monumentos sem cúpula, pensávamos que estes esteios serviriam para assentar aquela sobre eles, mas agora vê-se bem, sem a menor dúvida, o lugar que desempenhavam na construção dos monumentos deste tipo. É claro que nos referimos apenas aos monumentos cuja cúpula começa a partir duma dada altura.

Podemos ver neste pormenor construtivo um processo que, de certo modo, faz lembrar o das paredes dos palácios da Grécia antiga e de Roma, que eram interiormente revestidas de placas de mármore.

Após a escavação, o monumento mostrou ser constituído por uma longa galeria com 19 esteios de um lado e 17 do outro, e por uma cripta com 30 falsos esteios. A porta de passagem à cripta é perfeita, com dois hastais e um chapéu reforçado. Toda a galeria é formada de esteios compridos e estreitos. O material empregado na sua construção foi o pórfiro e o grauvaque. A falsa cúpula foi construída segundo a técnica conhecida, e o material empregado foi também o pórfiro e o grauvaque.

Houve dois enterramentos na cripta em épocas muito distantes uma da outra: o enterramento que primeiramente encontramos ocupava a parte superior da cripta, que para tal tinha sido arrombada, e atingira a a profundidade de 0,80 m. a contar da superfície. Pertence, pelo material exumado, a uma época situada no Bronze final, princípios do Ferro. O rito funerário foi o da inumação demonstrado pela abundância de esqueletos infelizmente incapazes para estudo, em face do seu mau estado de conservação motivado pela acidez do terreno. O segundo enterramento data da construção do monumento e ocupava o chão, ao nível da base da porta da cripta, concentrado nas imediações dessa passagem. Pela mancha acinzentada na camada arqueológica verificámos tratar-se pelo menos de meia dúzia de corpos. Todo o material encontrado estava também concentrado especialmente nesta zona, mesmo no começo da galeria, do lado da cripta. Dada a perfeita conservação em que encontrámos o monumento e as respectivas camadas arqueológicas, chegamos a uma conclusão definitiva sobre estes grandes sepulcros do

«tipo sudeste» peninsular. O monumento foi feito para abrigar primitivamente, na data da sua construção, um enterramento único, isto é, estes grandes sepulcros destinavam-se a personagens notáveis, e com elas sacrificavam-se os seus parentes ou familiares mais próximos, que eram também ali enterrados. E o túmulo não voltava depois a ser violado, a não ser por pilhagem. Agora já podemos explicar o caso do Cerro do Gatão, que apresentava galeria tapada e obstruída com todos os cuidados. Por outro lado, tal rito era corrente nesta época e noutras civilizações. Veja-se por exemplo o grande túmulo de Ur, na Caldeia, onde até o gado e animais domésticos que pertenciam ao rei foram sacrificados e enterrados juntamente com ele. A exploração metódica de um monumento intacto como este, do Monte do Outeiro, deu a chave para alguns dos problemas que estavam em suspenso.

A galeria também foi propositadamente feita como a encontramos: baixa, irregular, torta e não dava facilmente passagem a quemquer. Para se introduzir um cadáver através dela não parece que fosse fácil. Esta circunstância também seria ritual e está, em nosso entender, ligada a ritos igualmente usados noutras civilizações da época, em especial na egípcia; é para todos os efeitos a ideia do labirinto, da dificuldade de passagem, em suma da purificação do inumado ou inumados pelas dificuldades em sair do túmulo.

O material encontrado no estrato mais antigo foi o seguinte:

— Vasilha de forma idolátrica (Vide Est. III, IV e V), com ornamentação incisa; esta é constituída pela imagem de olhos com pestanas e sobrancelhas, tatuagem facial e um atributo sexual feminino na frente. Em toda a volta em duas faixas, um superior e outro inferior, existem os mesmos triângulos com ornamentação pontilhada. Esta vasilha parece-nos ser única em Portugal. Pelas nossas observações estamos em presença de um vaso idolátrico com ornamentação semelhante, pelo menos nos olhos, tatuagem facial e atributos sexuais femininos a outros do Sudeste espanhol, região de Almeria, mas de fabrico local. O barro é muito mais tosco e rude e o desenho é muito mal feito, com incisões

muito largas. Vê-se, por comparação com os vasos de Almeria, que estamos em presença dum produto local muito mais ordinário; no entanto, a figuração é semelhante e o artista deve ter-se inspirado nesses belos vasos do Sudeste espanhol. Podem ver-se desenhos semelhantes num vaso de Los Millares encontrado no túmulo 4, num outro do túmulo 15, ainda num outro do túmulo 37 (Est. VI) e, por último, em vasos de Almizaraque e Hoya del Conquil, túmulo 46.

Em Portugal apenas era conhecido o fragmento de vaso da Anta Grande do Olival da Pêga descoberto por Georg e Vera Leisner. Dimensões: altura, 120mm; abertura, 90mm; bojo, 120mm.

— Vasilha de forma hemisférica com ligeira gola; barro grosseiro, avermelhado, com manchas pretas de queimado. Abertura, 70 mm; altura, 100 mm.

— Vasilha de barro vermelho, de fabrico muito rude, toda torta e de forma troncocónica, com o fundo convexo. Abertura, 75mm; altura, 110mm. (Est. II, n.º 4).

— Vasilha de barro vermelho, muito rude, semelhante na forma à anterior. Abertura, 80mm; altura, 110mm. (Est. II, n.º 1).

— Vasilha semi-esférica, de barro vermelho. Abertura, 75mm; altura, 80mm. (Est. II, n.º 2).

— Vasilha «tipo copo», de paredes espessas, com gola direita e saliente. Vulgar nas sepulturas do Sudeste espanhol. Conhecida na península, de Lisboa na sepultura da Samarra, Gruta da Casa da Moura (Cesareda) e Estria. No Alentejo, apareceu no Monte Velho (Ourique). Abertura, 30mm; altura, 65mm.

— Restos de três vasilhas de tipo hemisférico.

— Grande lâmina de rocha siliciosa, de grão fino, semelhante às de Alcalar. Compr. 230mm; larg. 33mm; esp. 10mm (Est. II, n.º 6).

— Outra lâmina feita do mesmo material; bem retocada nos bordos. Compr. 180mm; larg. 28mm; esp. 10mm. (Est. II, n.º 5).

— Lâmina de sílex escuro, fracturada por acidente de exploração; retocada nos bordos. Compr. 110mm; larg. máx. 28mm, esp. 7mm. (Est. II, n.º 3). (1)

(1) Todo o espólio aqui relacionado faz parte das colecções do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

Algumas considerações se podem fazer sobre o reduzido espólio encontrado, assim como, sobre o túmulo. A grande lâmina podemos filia-la nas dos grandes sepúlcros de Alcalar explorados por Estácio da Veiga e pelo P.^e Nunes da Glória. Por outro lado, toda a cerâmica tem as mesmas características da daquela estação algarvia; o vaso ornamentado, conquanto tenha uma decoração semelhante à dos vasos do Sudeste espanhol, apresenta-se muito mais grosseiro e também de forma diferente, como acima se viu. É mais um ídolo cerâmico com a forma de um vaso alongado, «tipo copo», embora carenado, diferente das belas taças e urnas da região de Almeria.

Estas circunstâncias dão força à hipótese de que, como o já temos dito várias vezes, a população autóctone do Algarve e do Baixo Alentejo sofreu uma influência longínqua da região de Almeria, mas conservou, em certos aspectos, a sua rudeza e originalidade.

A própria construção tumular isto mesmo atesta. Embora o plano e a concepção do monumento obedeça ao traçado dos grandes sepúlcros do Sudeste espanhol, vê-se que, no pormenor, há diferenças que só se justificam pelo fundo autóctone do povo que o construiu.

Outra circunstância, para nós interessante, é a localização desta grandiosa construção tumular. No Baixo Alentejo é a primeira que descobrimos mais próxima das Minas de Aljustrel, ou, por assim dizer, dentro da área especialmente mineira. Há anos pugnamos, ainda então com poucos elementos, pela hipótese de que a civilização de Almeria pertencia a um povo mineiro. A sua progressão, embora muito esporadicamente, por Huelva, Algarve, Baixo Alentejo e Alto Alentejo, e o términus dessa expansão, apoiam aquela nossa hipótese, pois as áreas ocupadas por tais necrópoles estão sempre circunscritas a zonas de minério de cobre. Em Aljustrel, grande centro mineiro, não havia ainda surgido nada que confirmasse directamente a nossa teoria. Com o monumento do Monte do Outeiro, que dista menos de meia dúzia de quilómetros das Minas de Aljustrel, ficamos com a impressão de termos encontrado um elo na cadeia desse povo, que continuamos na convicção de ter sido mineiro.

Comparando o traçado deste monumento com os

de Alcalar, podemos ver uma semelhança extraordinária com os que não tenham nichos ou nicho na câmara. Até a constituição da mamoa é semelhante: em Alcalar, como é sabido, não existem grandes amontoados de calhaus sobre a mamoa e fazendo parte dela, mas sim terra e burgao miúdo. Pois no Monte do Outeiro sucede o mesmo. Bem sabemos que a constituição do terreno, sendo um terraço quaternário, deveria ter influído bastante; mas, em todo o caso, noutros locais, de terreno muito semelhante, muito embora de outra época como no Gatão, a mamoa tinha um arranjo semelhante aos grandes túmulos do Monchique, no Algarve, e de outros lugares do Baixo Alentejo. Veja-se, por exemplo, o Malha Ferro, situado à beira do Sado: a mamoa não era de terra mas de pedras!

Estas considerações servem para justificar que o túmulo do Monte do Outeiro, é, de todos os do Baixo Alentejo até agora identificados e explorados, aquele que mais afinidades tem com os de Alcalar.

Quando as explorações terminarem no Baixo Alentejo estamos certos de que se poderá fazer uma apreciação de conjunto sobre a civilização desse povo mineiro, que estendeu as suas influências desde a base do seu estabelecimento, em Almeria, até ao nosso Alentejo, não contando com a progressão marítima, com outros fins, que por certo se fez, como atestam os monumentos estudados da Península de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

CAMARATE FRANÇA (J.) e VEIGA FERREIRA (O. da)—«A estação pré-histórica da Samarra (Sintra)». *Com. Serv. Geol. de Portugal*. T. XXXIX. Lisboa, 1958.

CÉRDAN MARQUEZ (C.) e LEISNER (G. e V.)—«Los sepulcros megalíticos de Huelva». *Informes y Memorias*, n.º 26, Madrid, 1952.

ESTÁCIO DA VEIGA — *Antiguidades monumentaes do Algarve*, Lisboa, 1886-1891.

LEISNER (G. e V.) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1943.

LEISNER (G. e V.) — *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz — Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Lisboa, 1951.



LEISNER (G. e V.) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen.* Berlin, 1959.

VEIGA FERREIRA (O. da) e RODRIGUES CAVACO — «O monumento pré-histórico do Lousal (Grândola)». *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIII, Lisboa, 1952.

VEIGA FERREIRA (O. da) — «Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa». *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959.

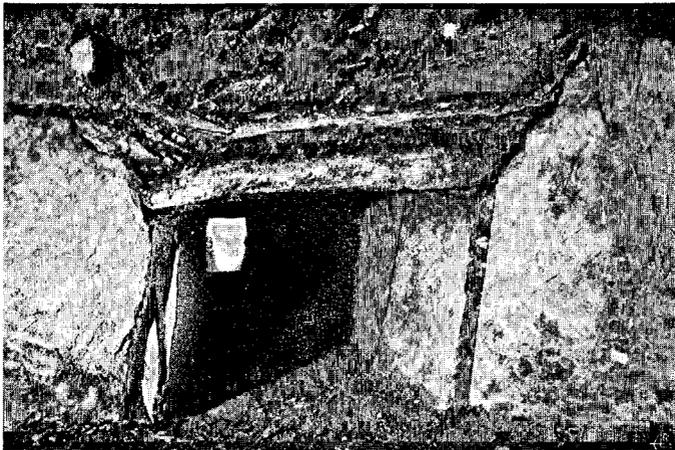
VIANA (ABEL), VEIGA FERREIRA (O. da), FREIRE DE ANDRADE (R.), ZBYSZEWSKI (G.) e SERRALHEIRO (A.) — «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo». *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959.

VIANA (ABEL), VEIGA FERREIRA (O. da) e FREIRE DE ANDRADE (R.) — «O monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panoias)». *Revista de Guimarães*, Vol. LXX, Guimarães, 1960.

VIANA (ABEL), VEIGA FERREIRA (O. da) e FREIRE DE ANDRADE (R.) — «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique». *Revista de Guimarães*, Vol. LXXI, n.º 1-2, Guimarães, 1961.



Vista do monumento do Monte do Outeiro, tomada da entrada para a cripta, durante as escavações.

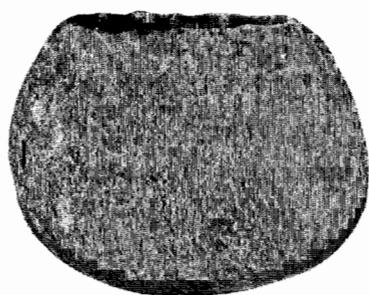


O mesmo monumento visto da câmara para a entrada da galeria, depois dos trabalhos concluídos.

Est. II



1



2



3



4



5



6

1, 2 e 4— Vasilhas encontradas no estrato da base do monumento megalítico do Monte do Outeiro.

3, 5 e 6— Lâminas retiradas do mesmo nível.

Est. III



Vaso do «tipo almeriense» do Monte do Outeiro. Ornamentação vista de frente.

$\left(\frac{3}{4}\right)$ do tam. nat.)

Est. IV



O mesmo vaso com a ornamentação vista de lado, mostrando a tatuagem facial completa.

EST. V



o mesmo vaso, com a ornamentação vista do lado posterior.

Est. VI



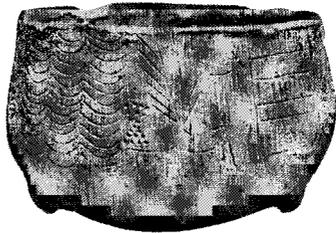
1



2



3



4

Vasos do Sudeste espanhol (Almeria), com ornamentação semelhante à do vaso do Monte do Outeiro:

1 — Los Millares, túmulo 37

2 — Los Millares, túmulo 4

3 e 4 — Los Millares, túmulo 15